



ESTRATÉGIA MILITAR

Ney Eichler Cardoso (*)

(*) Cel. Art. QEMA, atualmente integrando o Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra.

Ingressou na ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS em 1947, sendo nomeado Aspirante-a-Oficial a 15 de dezembro de 1949 e promovido, por merecimento, ao posto atual a 30 de abril de 1975.

Entre suas comissões destacam-se:

Cursos: AMAN — Es Com EsAO — ECEME — CCEMFA. Escuela de las Americas (Panamá) US. Army Special, Warfare School — Psychological Operation, Internal Defense Development — EUA.

US Army Institute of Administration — Automatic Data Processing Systems Analysis — EUA

— Faculdade de Economia, Administração e Ciências Contábeis do Centro Universitário de Brasília — Administração, bacharelado.

EVOLUÇÃO DO CONCEITO

A estratégia como "arte do general" é realizada há milênios, mas a palavra só veio a ser utilizada após GUIBERT em 1779. A partir da 1ª Guerra Mundial, no entanto, o termo passou a adquirir uma abrangência cada vez maior e, agora, necessita ser denominada "militar" para que recaia na compreensão do século XIX e primeira metade deste, ou seja, de atividade predominantemente militar.

Um passeio pelos conceitos dos principais pensadores militares daquele período mostrará que a estratégia militar deu as idéias básicas para a estratégia nacional, que hoje lhe é superior. Ao mesmo tempo, poder-se-á ter um entendimento mais nítido do cerne de seu conceito, comum a qualquer das estratégias hoje conhecidas.

JOMINI assim se expressou:

"A estratégia é a arte de fazer a guerra no mapa e abrange todo o teatro de operações. Precede as operações na campanha, o choque das armas na frente. É pre-

parada no gabinete. É o trabalho do estudioso, com o compasso na mão e os dados ao lado."

CLAUSEWITZ assim a via:

"A estratégia é a arte do emprego das batalhas como meio de realizar o objetivo da guerra. Noutras palavras, a estratégia elabora o plano de guerra, traça o curso projetado das campanhas que compõem a guerra e dirige as batalhas que sucederão em cada uma delas."

E, finalmente, o velho MOLTKE sintetizava:

"A estratégia é a adaptação prática dos meios postos à disposição dos generais para alcançar os fins da guerra."

Se, além destes conceitos, analisarmos mais alguns veremos que as idéias apresentadas, embora num conjunto já nos dizem algo:

Plano de Guerra
Projeto do curso das campanhas
Realização do objetivo da guerra
Direção das batalhas
Aplicação do bom senso
Emprego vantajoso,

que, de um lado, levam a pensar em — preparação, planejamento e abrangência — e, de outro lado, também lembram — direção, emprego, aplicação e, ainda inerente a elas e muito importante, trazem a idéia de uma *concepção* da guerra e de sua *execução*.

Os conceitos expostos representam valiosa contribuição para a compreensão da Estratégia Militar, mas a dilatação espaço-temporal do fenômeno *guerra*, particularmente no século XX, como já visto, teve sua repercussão no significado da palavra. O pensamento militar, predominantemente terrestre, recebeu os poderosos influxos das teorias do poder naval, cada vez mais importante, e, finalmente, do poder aéreo, hoje em dia aeroespacial, tal seu crescimento. A guerra total exigiu integração dos esforços nacionais. O desenvolvimento científico e tecnológico aumentou velocidades de deslocamento, potência de combate e áreas de atuação e, conseqüentemente, criou o problema de maiores meios e menores prazos para as operações. O planejamento da aplicação dos meios, de setorial, passou a geral e, ao recuar no tempo para vencer sua tirania na hora da execução, levantou a necessidade do desenvolvimento antecipado daqueles.

O poder militar, aplicado com vontade e inteligência, seria infrutífero se não tivesse capacidade de atingir o objetivo, somente conseguido se houvesse seu preparo. As conceituações modernas de estratégia militar centram-se, assim, nestas duas idéias: preparo e aplicação do poder militar.

A Escola Superior de Guerra da França apresenta, por exemplo, como componentes da Estratégia Militar (Cel. POIRIER):

— uma estratégia dos meios, encarregada de inventar e realizar, na qualidade e quantidade desejadas, os meios humanos e materiais que são

geradores das forças, portanto produtores de efeitos específicos sobre as ações desenvolvidas no domínio considerado;

- uma estratégia operacional, encarregada de colocar em ação essas forças graças a ações cujas modalidades (táticas) são calculadas para produzir os efeitos requeridos pela natureza dos fins e objetivos a atingir, pelas resistências encontradas e pelos dados das situações próprias ao meio.

No Brasil, Estratégia Militar é conceituada como:

a arte de preparar e aplicar meios militares para consecução e manutenção de objetivos fixados pela Política Nacional.

Estão presentes as idéias de preparação e aplicação de MEIOS, de atingimento de FINS (consecução e manutenção de objetivos) e, ainda, a de subordinação à Política que os estabeleceu. Não estão mencionados os ÓBICES, resistências, forças em oposição ou, como a Escola Superior de Guerra os classifica, fatores adversos, antagonismos, pressões e pressões dominantes. Podem, no entanto, ser considerados como implícitos, por inerentes ao meio ambiente onde se realiza qualquer conflito.

O JOGO ESTRATÉGICO

A guerra é concebida como uma forma de conflito. Este implica oponentes, no caso poderes militares animados de vontade e inteligência. O desenrolar de seu choque é um grande jogo, de alta complexidade pelo número de componentes envolvidos em cada lance, mas que, em suas linhas mestras é muito simples. É o jogo estratégico. Nele duas vontades em confronto procuram atingir um objetivo. Ambos os contendores utilizam os elementos clássicos — espaço, meios e tempo — fazendo-os reagir contra disposições semelhantes às suas, opostas pelo adversário. O jogo das ações contrárias resume-se, portanto, em manter a estabilidade própria e buscar romper a do oponente.

A estabilidade estratégica, no campo militar, é uma situação de equilíbrio moral e material das forças disponíveis. Ela se verifica na área operacional, administrativa e psicológica. Podemos rompê-la, na primeira área, ao fazer uma súbita alteração do nosso dispositivo ou realizar qualquer ação que divida as forças adversárias, através do aproveitamento das linhas de menor resistência; na segunda área, o efeito pode ser alcançado quando agimos sobre as fontes de produção ou linhas de circulação do apoio administrativo; na terceira área, ao obter a deterioração do moral das tropas, dos comandantes e da população.

Abrimos aqui um parênteses para assinalar que no exército soviético são enfatizados dois princípios estratégicos chamados da força vital e da balança, cuja aplicação sistemática é encarecida aos chefes militares. O princípio da força vital afirma que é necessário concentrar todos os nossos esforços contra a força vital do inimigo e, ao mesmo tempo, manter a segurança da nossa própria força vital. Esta é qualquer elemento de caráter material ou espiritual que venha a adquirir capital importância numa dada situação. O princípio da balança afirma que, estando uma balança em equilíbrio, para desequilibrá-la obtém-se o mesmo resultado se, em vez de

colocarmos um peso P em um dos pratos, retirarmos um deles um peso $P/2$ e colocarmos no outro um peso também igual a $P/2$. Traduzido em termos militares significa que, quando não é possível uma concentração de forças no valor desejado, um resultado semelhante é obtido se o adversário for desfalcado de um valor igual à diferença entre o valor desejado e o valor conseguido. Fechemos os parênteses, dizendo que estes dois princípios soviéticos aqui mereceram menção por os considerarmos variações temáticas em torno da estabilidade estratégica.

Quando a estabilidade é rompida, obtém-se uma vantagem estratégica que, independentemente da busca de outras, deve ser mantida e explorada para que o objetivo seja atingido.

Conforme a prioridade dada à área em que se busca essa vantagem temos o modo da estratégia: direta ou indireta. Na estratégia direta a prioridade das áreas vai da operacional para a psicológica; na estratégia indireta, a prioridade é inversa. Na realidade, esta oposição total (direta x indireta, ocidental x oriental, força x astúcia, ou, ainda, CLAUSEWITZ X LIDDELL HART) não existe, mesmo em teoria, apesar da radicalização de alguns defensores. As formas puras são parâmetros, seguidos em plenitude e constância; os executantes, no máximo, apresentam dominância delas em algumas fases.

O jogo estratégico foi e permanece, pois, cambiante e de difícil aprisionamento na jaula simples da receita.

SUN TZU assim caracterizava o problema:

“Não há mais do que sete notas musicais; entretanto, a combinação destas sete dá origem a um número maior de melodias do que talvez possam ser ouvidas. Não há mais do que três cores primárias; contudo, combinadas produzem mais matizes do que será possível ver. Não há mais do que cinco paladares (ácido, picante, salgado, doce e amargo) todavia, as suas combinações produzem mais sabores do que possam ser provados. Não se conhecem mais do que dois métodos de ataque no combate, o direto e o indireto; contudo, esses dois, combinados, dão acesso a um sem-número de manobras. O direto e o indireto se encaminham um ao outro. É como movimentar-se num círculo. Nunca se chega ao fim. Quem será capaz de esgotar as possibilidades de suas combinações?”

O desenvolvimento das técnicas de abordagem específica dos problemas militares, propiciado pelo progresso da Ciência e da Tecnologia, pareceu, durante certo tempo, a alguns, a solução do problema da Estratégia Militar.

As forças aérea e naval apossaram-se de várias daquelas técnicas para aplicá-las em seus respectivos campos, conseguindo alguns êxitos setoriais. A atmosfera e os oceanos são meios praticamente homogêneos e isotrópos e, para o estrategista que neles movimenta forças, o elemento — espaço — se resume em distâncias. Os sistemas em jogo são mais simples, menos abertos, de melhor quantificação e, portanto, seu problema estratégico mais redutível a técnicas.

A força terrestre, contudo, permanece ligada ao terreno, heterogêneo e mutável em todos os aspectos, por isso mesmo uma fonte de tantas variáveis, que se

torna muito difícil uma estratégia para aquela força sujeita a uma solução programada.

Na aplicação das forças militares como um conjunto, a estratégia parece, portanto, distanciada de uma redução a regras ou enfoques puramente matemáticos.

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

A Estratégia Militar foi vista na sua faceta de jogo, conduta de conflito, "praxis" política no campo militar, luta em torno da estabilidade estratégica.

Ela também pode ser vista pela faceta da teoria do planejamento. Esta, em qualquer campo, fundamenta-se no esquema MEIOS-FIM, considerando como seus elementos básicos: um agente, um fim a alcançar, uma situação objetiva que pode ser controlada parcialmente pelo agente (através dos meios) ou é alheia a sua vontade (condições) e, finalmente, uma relação normativa entre esses elementos. Num planejamento militar ressalta-se um outro elemento, o inimigo, que, por suas características de oposição consciente aos desígnios do agente, não pode ser considerado no conjunto e necessita ser individualizado.

Assim, no planejamento estratégico, o agente (comando) escolhe e dispõe meios (forças militares) submetidos a condições variáveis (área operacional, prazos etc.) visando a alcançar o fim (objetivo) a despeito do adversário. Nada mais é do que o primeiro passo do já conhecido jogo estratégico. Passo fundamental porque dará o sentido de sua ação; os demais serão apenas produtos de sua reação à variação dos meios e condições ou à resposta do inimigo. Daí a busca da flexibilidade do plano, do equilíbrio do dispositivo para se contrapor à alteração das variáveis.

De qualquer forma estará latente um grau maior ou menor de incerteza, uma vez que é impossível levantar e quantificar todos os elementos de uma situação. Complexidade e incerteza passeiam juntas, uma é função da outra.

Os chefes militares, de há muito sentiram na carne este problema que lhes aparece como a neblina, o "brouillard" da guerra, magnificando a angústia da decisão e, conseqüentemente, solicitando o comandante além da capacidade técnica e bem profundamente nos domínios da personalidade. VON MOLTKE, em sua experiência de dezenas de anos no Estado-Maior alemão, afirma:

"É necessário, em qualquer circunstância, estimar a situação tal qual se apresenta, envolta em dúvidas e fatores desconhecidos, e então julgar sensatamente o que se vê, adivinhar o que não se vê, tomar rapidamente uma decisão e agir logo, em decorrência, sem vacilação."

Não imaginemos, contudo, que o velho planejador, agia na base da intuição. Suas palavras devem ser tomadas como o incentivo à ação, que sempre será imperfeita apesar de um planejamento que pretendeu o ideal.

No planejamento, a estatura do estrategista parece medida em duas fases. Primeiro, ao avaliar os prazos e a disponibilidade e adequabilidade dos meios para atingir os objetivos em face das áreas operacionais e do inimigo. Posteriormente,

uma vez decidido o grau de risco a assumir, nas disposições tomadas para superar ou diferir as ameaças.

O Gen. BEAUFRE, também partindo do conceito do jogo estratégico, assinala, em qualquer estratégia, "dois elementos distintos e essenciais:

1. a escolha do ponto decisivo a atingir, que é função das vulnerabilidades do adversário;
2. a escolha da manobra preparatória, que permitirá atingir aquele ponto".

E mais adiante: "Normalmente, seremos levados a repartir os meios de modo racional entre a proteção da manobra preparatória e a execução da ação decisiva".

E, em outra oportunidade: "é essencial que os cálculos estratégicos contêm em germe a parada às principais respostas eventuais, conservando possibilidades de ferir. É o ideal da previsão contra-aleatória, difícil de realizar".

O que é, de outra forma, confirmado pelo Gen. HALDER, o grande chefe do Estado-Maior alemão, quando dizia que todo o planejamento estratégico deve contar com o momento da crise e estar preparado para ele.

O planejamento estratégico requer, assim, a agudeza de espírito que distingue o essencial do acessório, o equilíbrio que sopesa e ajusta poderes e potenciais, e a firmeza que leva à decisão por entre as ambigüidades e apesar dos riscos.

A MANOBRA ESTRATÉGICA

O planejamento estratégico se concretiza e, posteriormente, é testado na ação pela manobra. Manobrar é organizar o esforço, é operar em força sobre o ponto decisivo, é mover-se inteligentemente para criar uma situação favorável.

Manobra, diz o Cel. AMERINO RAPOSO FILHO, "é um conjunto de ações comportando, simultaneamente ou sucessivamente, uma combinação de atitudes e direções, e adequada repartição das forças no espaço operacional, por forma a, configurando um sistema de forças harmônico e integrado, alcançar um determinado objetivo, no conjunto das forças adversárias e a despeito do inimigo".

Nela encontramos quatro elementos fundamentais: a combinação de atitudes, a combinação de direções, a repartição das forças e a dosagem dos esforços. Estas constantes estruturais devem-se combinar harmoniosamente no planejamento e manter o equilíbrio interno durante a realização da manobra, sob pena de que não seja atingido o objetivo previsto.

A combinação de atitudes é decorrência do fato de que um país poderá não ter condições de realizar uma ofensiva geral ao confrontar necessidades com disponibilidades, utilizar judiciosamente a área operacional, prover o equilíbrio de seu dispositivo ou jogar com os princípios da massa e da economia de forças. Mesmo forçado à defensiva, não se manterá estritamente nela, para que não corra o risco de perder totalmente a liberdade de ação.

Na Segunda Guerra Mundial, a estratégia militar alemã foi uma atitude defensiva inicial em face da França e uma atitude ofensiva para eliminar a Polónia. Posteriormente, ainda manteve essa atitude em face da França ao lançar-se à aventura da Noruega.

A combinação de direções também é clássica. Na Segunda Guerra Mundial, a estratégia dos aliados, após a invasão da Rússia, procurou a combinação de direções, inicialmente na Itália, e, afinal, na Normandia, como era o desejo soviético. Falhou, no entanto, na conjugação da estratégia militar com a estratégia política não considerando a idéia de CHURCHILL de ação pela Iugoslávia, no "baixo-ventre" europeu, o que permitiu o jugo comunista dos países do leste daquele continente.

A repartição das forças e a dosagem de esforços conjugam-se com a combinação de atitudes e direções, levando em conta a missão, as áreas operacionais e o inimigo. Após Pearl Harbour, a decisão aliada de repartição de forças e de dosagem de esforços entre o Pacífico e o Atlântico levou em conta a importância militar e política da Alemanha e do próprio continente europeu, ao optar pela vitória inicial nesse teatro de operações.

Deve-se observar que o conceito clássico da manobra, apesar de algumas evoluções adiante expostas, ainda se encontra ligado às dimensões da geometria. Inicialmente da plana, considerando apenas direções devido à existência dominante do poder militar terrestre onde o terreno era, inegavelmente, a tela na qual o estrategista concebia a forma de cumprir a missão e vislumbrava a maior parte das ações a executar.

O desenvolvimento do poder aéreo, todavia, introduziu o conceito de volume quando se passou a considerar aquele poder não apenas como apoio de fogo à manobra, mas, também, como um vetor das principais forças terrestres que, deste modo, poderiam obter, em alguns casos, relativa independência do terreno. Quando as operações aeroestratégicas se afirmaram acima do teatro de operações, mais ainda se realçou a terceira dimensão da manobra.

A dimensão tempo foi posta em evidência pela crescente mobilidade dos meios e impôs o estudo acurado da dosagem dos esforços. A componente psicológica, atuação em plano imaterial, mas preponderante no poder de combate, integrou-se às cogitações normais dos comandantes.

Chegamos, deste modo, à manobra multidimensional que abrange o espaço, o tempo e, além do plano material, alcança não só o espírito do combatente, mas toda a vontade nacional. E ainda, combinando-se com as manobras das estratégias das outras expressões do Poder Nacional, a elas serve ou delas aproveita-se.

O conceito de manobra moderno, acompanhando a Estratégia Militar, caminhou além da aplicação dos meios militares para alcançar e manter os objetivos da Política. Alguns, avançados mas ainda setoriais, como o Gen. AILLERET, vêem uma "manobra técnica" que visaria a obter o desequilíbrio estratégico do adversário pelo desenvolvimento de novas armas. Outros já generalizam e admitem na manobra a geração de todas as forças (no seu sentido geral) que serão empregadas. O Cel.

POIRIER, por exemplo, considera a manobra, em qualquer campo, da seguinte maneira:

“A manobra das forças é uma combinação de operações escolhidas entre todas aquelas cujos efeitos elementares contribuiriam teoricamente para produzir o efeito resultante que corresponde a um fim do projeto político. Ela retém a combinação ótima, isto é, a que parece responder melhor à exigência lógica de acordo entre o fim e as vias e os meios, levando em conta as incertezas e que satisfaz ao mesmo tempo os critérios de custo, de eficácia e de distribuição no tempo impostos pela economia geral do projeto. A manobra das forças comporta três momentos: gerar as forças (concebê-las e realizá-las), organizá-las em aparelhos e sistemas de forças, desdobrá-las e empregá-las.”

Dentro deste conceito, a manobra clássica fica restrita ao último momento, e os dois anteriores correspondem ao preparo dos meios, de que trataremos a seguir.

O PREPARO DOS MEIOS MILITARES

A abordagem da Estratégia Militar realizou-se, até aqui, em cronologia inversa. Após a análise da evolução de seu conceito, passamos à aplicação dos meios militares, que é posterior ao seu preparo. A inversão era necessária, pois quem prepara algo tem em vista sua aplicação e, se não a conhecer, estará impossibilitado de atender às suas exigências.

Além dessa inversão é preciso, contudo, que seja salientada a finalidade da aplicação dos meios militares, dentro da doutrina de ação política onde está inserida a da Escola Superior de Guerra.

Por ela, a Estratégia Nacional prepara e aplica o Poder Nacional, considerando os óbices, para alcançar e manter os objetivos fixados pela Política Nacional. A Estratégia Militar, integrada na Estratégia Nacional, prepara e aplica os meios militares, que são os elementos do Poder Nacional especificamente destinados à utilização da força para implementação de decisões. E, ainda, os meios militares devem estar aptos a promover, pela dissuasão ou pela coação, no campo interno ou externo, a conquista e a manutenção dos Objetivos Nacionais. Logo, a Estratégia Militar, ao aplicar os meios militares, deve realizar a dissuasão ou a coação, com o auxílio das demais estratégias. Dissuasão é prevenção da ação por temor das conseqüências; é um estado de espírito trazido pela existência de uma ameaça crível de uma ação adversária inaceitável. Coação é a compulsão pela força, em última análise, pela guerra.

Deste modo, o preparo dos meios militares deve torná-los capazes seja de prevenir ações contrárias aos Objetivos Nacionais por temor dos efeitos de sua aplicação, seja de anular aquelas ações já desencadeadas, por intermédio de operações militares.

Analisaremos apenas o preparo visando à guerra por considerar que, nos países não-nucleares, a dissuasão é uma conseqüência daquele preparo combinado com ações de apoio nos outros campos.

E surgem as perguntas:

Para que guerra os meios militares devem ser preparados?

As Hipóteses de Guerra dão a resposta quanto ao adversário e áreas de operações.

Como será conduzida a guerra pelo país?

A Doutrina de Guerra, que engloba uma concepção filosófica e sociológica da guerra, "define e reparte as tarefas de ação entre os diversos setores da atividade nacional e interaliada, e indica as regras de sua coordenação". O emprego dos meios militares será condicionado por suas concepções dentro da tarefa, normalmente predominante, que lhe competir.

Como será conduzida a guerra pelas Forças Armadas?

A Concepção da Guerra (Concepção Geral das Ações-Resposta) dá o tipo de guerra que deve e pode ser realizada, as grandes linhas estratégicas que serão seguidas, operações admissíveis em face das áreas estratégicas etc.

De posse desses elementos e mais os da Avaliação da Conjuntura que se fizerem necessários, aprofundados por Exames Estratégicos, a estrutura (organização e articulação) das Forças Armadas e os sistemas de armas deverão adaptar-se às necessidades surgidas, levando em conta os riscos das ameaças e as restrições impostas pelos fatores não-militares. As considerações devem ser eminentemente objetivas para que as situações que se possam apresentar num futuro razoável e as estruturas e sistemas de armas que estarão utilizáveis e disponíveis naquele futuro mantenham uma relação que garanta a consecução dos objetivos visados com uma análise de custo favorável.

A escola francesa, dentro de sua paixão pela racionalização, divide a estratégia dos meios em estratégia genética e estratégia logística.

A estratégia genética é encarregada de inventar as forças. Ela cobre os estudos, pesquisas e desenvolvimentos que resultam na concretização de elementos de forças, utilizando os recursos humanos e materiais, atuais e previsíveis, fornecidos pelo domínio da estratégia militar. Ela tem, assim, como objetivo fornecer à sua estratégia, capacidade de efeito que avancem ou sobrepujem tecnicamente às dos competidores em prazo determinado, ou que tolerem em relação a elas uma diferença julgada aceitável.

A estratégia logística tem por objetivo realizar, em tempo útil e na quantidade desejada, os elementos de força fornecidos pela estratégia genética, de os montar em sistemas de forças coerentes combinando suas eficácias elementares para obter a eficácia ótima destes sistemas, de colocá-los no lugar para o emprego eventual, de assegurar, enfim, o seu apoio e sua renovação no momento oportuno.

De uma certa maneira ou de outra, verificamos que o preparo dos meios militares, a estratégia dos meios da escola francesa, assumiu fundamental importância dentro da Estratégia Militar. No confronto das superpotências, chegou, mesmo, ao ponto de obter efeitos, por si só, às vezes maiores que a própria aplicação daqueles meios.

Além de sua importância, é necessário atentar sobre sua complexidade, pela exigência necessária de ações de apoio nos outros campos do poder, em conjuntura que, normalmente, não é favorável. Em outras palavras, estudos, pesquisas e desenvolvimentos que visam à guerra e necessitam de apoio da ciência e da tecnologia se refletem sobre o campo econômico e psicossocial e tendem a ser considerados como um ônus nas épocas de bonança, mas não podem ser postergados para desencadeamento nas horas de crise. Daí porque a imperiosa obrigação de um preparo dos meios militares dentro de um equilíbrio que será ditado pela Política Militar.

CONCLUSÃO

A Estratégia Militar sofreu desmesurado desenvolvimento no século XX, saindo do campo de batalha para os teatros de operações e, sem abandoná-los, passou a incluir ações nos mais diversos campos do poder. Todas estas se realizam com a finalidade de apoiar os meios militares, seja no confronto real com os meios adversários, seja na exploração da ameaça como fonte de desequilíbrio dos oponentes, seja na elaborada e difícil fase da preparação.

O conceito doutrinário moderno da Estratégia Militar absorve, por isso, duas idéias: a do preparo das Forças Armadas e dos elementos que lhe são necessários para sua otimização como instrumento da violência militar e da aplicação daquelas Forças, em todo o espectro do conflito armado ou nas áreas que lhe são marginais, como a dissuasão, a demonstração de força ou a ação de presença.

Despida da complexidade que a abrangência do campo lhe conferiu e elevada sua análise ao píncaro frio e nu dos grandes princípios, podemos dizer, no entanto, que o modelo do fenômeno estratégico permanece o mesmo em sua essência: o jogo de vontades em conflito que buscam, em combinações variadas, conciliar o ataque decisivo com a defesa segura.

E aos dirigentes do Estado, políticos e militares possuindo ou não as nove qualidades do estrategista de LIDELL HART, competem a realização do duelo e a concepção da manobra que irá decidi-lo.

E, por isso mesmo, a permeabilidade do campo militar às determinações da Política deve ter como contrapartida a aceitação das injunções da segurança pelo campo político. Um mundo no qual as relações entre estados, em última análise, têm seu cerne nos interesses nacionais e sua "ultima ratio" na violência exige um caminho de duas mãos, despojado de preconceitos, quando se formular uma Política Nacional de Segurança. A aplicação dos meios militares, na guerra ou para evitá-la, não é apenas o instante solitário em que a Política influencia a Estratégia por lhe ter determinado os objetivos. O passado desta aplicação, o preparo dos meios, também depende de uma decisão política, talvez mais angustiosa, porque representa a luta entre a exigência de recursos de toda a sorte para enfrentar as necessidades concretas e sempre grandes do presente e a antevisão de custos sem retorno, voltados para possibilidades não desejadas. Formuladores de política e estrategistas, quer sejam eles, em qualquer nível, militares ou políticos, devem ter plena consciência dos domínios de sua arte e da relação entre decisões políticas e concepções estratégicas que as respondem para que, na hora da verdade, os executores não se defrontem com a missão impossível.